

SALA DE AULA INVERTIDA NA DISCIPLINA DE ARTES: ESTRATÉGIAS E IMPACTOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Flipped classroom in arts: strategies and impacts on the teaching-learning process

Deuzilene Machado Rocha Leal¹ 

¹Mestra em Artes pelo Instituto Federal de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia (IFG-APA), Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás e em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás. Professora de Arte no Colégio da Polícia Militar de Goiás Nível das Neves.

E-mail: deuzilenemrl@gmail.com

Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação
de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 3 n. 2, 2024.

educacaoemcontexto@seduc.go.gov.br

Recebido em: 04/10/2024

Aprovado em: 13/11/2024

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14188013>

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a aplicação da metodologia da sala de aula invertida no ensino de artes, investigando suas estratégias e impactos no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica, com destaque para autores que tratam das metodologias ativas, como Rodrigues (2023), Bacich e Moran (2017), Bergmann e Sams (2016) e Freire (2002). O estudo discute a relevância da sala de aula invertida no desenvolvimento da autonomia, criatividade e protagonismo dos estudantes, bem como os desafios enfrentados para sua implementação, especialmente no contexto brasileiro, marcado por desigualdades no acesso a recursos tecnológicos. Os resultados indicam que a sala de aula invertida contribui para um aprendizado mais dinâmico e interativo, ao deslocar o foco da exposição teórica para a prática artística em sala de aula. Contudo, a aplicação dessa metodologia requer adaptação às condições materiais dos estudantes, além de uma formação continuada dos professores para lidar com as novas demandas pedagógicas. Embora a sala de aula invertida seja uma estratégia promissora, sua adoção plena no ensino de artes depende de suporte institucional, acesso equitativo à tecnologia e adequação às realidades socioeconômicas dos estudantes.

Palavras - chave: Ensino de artes. Metodologias ativas. Sala de aula invertida

Abstract

This article aims to analyze the application of the flipped classroom methodology in arts education, investigating its strategies and impacts on the teaching-learning process. The research adopts a qualitative approach, through a bibliographic review, highlighting authors who deal with active methodologies, such as Rodrigues (2023), Bacich and Moran (2017), Bergmann and Sams (2016), and Freire (2002). The study discusses the relevance of the flipped classroom in the development of students' autonomy, creativity, and protagonism, as well as the challenges faced in its implementation, especially in the Brazilian context, marked by inequalities in access to technological resources. The results indicate that the flipped classroom contributes to more dynamic and interactive learning, by shifting the focus from theoretical exposition to artistic practice in the classroom. However, the application of this methodology requires adaptation to the material conditions of students, in addition to continued training of teachers to deal with new pedagogical demands. Although the flipped classroom is a promising strategy, its full adoption in arts education depends on institutional support, equitable access to technology and adaptation to the socioeconomic realities of students.

Keywords: Arts teaching. Active methodologies. Flipped classroom.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o uso de metodologias ativas tem se destacado como uma resposta necessária às demandas contemporâneas da educação. Tais metodologias, como a sala de aula invertida, buscam transformar o papel do estudante de receptor passivo para protagonista no processo de aprendizagem. No ensino de Artes, essa abordagem adquire um significado especial, pois incentiva a autonomia, a experimentação e a criatividade, características intrínsecas à prática artística (BARBOSA, 2020). No entanto, a implementação da sala de aula invertida no ensino de artes ainda enfrenta desafios importantes, como a preparação dos docentes e a adaptação dos estudantes a esse novo modelo de ensino.

O cenário educacional atual exige uma reconfiguração nas práticas pedagógicas, de modo que os estudantes possam desenvolver habilidades críticas e criativas necessárias para enfrentar a complexidade do mundo contemporâneo. A sala de aula invertida apresenta-se como uma alternativa viável, ao permitir que os estudantes explorem conteúdos

teóricos de forma autônoma fora da sala de aula, utilizando o tempo presencial para atividades práticas e colaborativas (BERGMANN, 2016). Essa inversão, contudo, traz à tona uma questão central: Como a metodologia da sala de aula invertida pode ser aplicada ao ensino de Artes, e quais os principais desafios enfrentados por docentes e estudantes nesse processo?

A partir dessa indagação, o objetivo geral é analisar as estratégias de implementação da sala de aula invertida na disciplina de Artes e seus efeitos no processo de ensino-aprendizagem. Como objetivos específicos, pretende-se: (1) caracterizar a metodologia da sala de aula invertida no contexto das metodologias ativas, (2) investigar os desafios enfrentados pelos docentes na adoção dessa abordagem, e (3) avaliar os impactos dessa metodologia no desenvolvimento das competências criativas e críticas dos estudantes.

A escolha desse tema justifica-se pela necessidade de práticas pedagógicas que dialoguem com

as demandas contemporâneas por um ensino mais participativo e dinâmico. A sala de aula invertida, ao incentivar o protagonismo estudantil e a experimentação, alinha-se aos princípios de um ensino de Artes que prioriza a criatividade, a expressão individual e a crítica reflexiva. O ensino tradicional, muitas vezes centrado na figura do professor e na transmissão passiva de conteúdos, não consegue atender plenamente às exigências de uma educação que visa a formação integral dos estudantes, especialmente em disciplinas que demandam habilidades criativas.

A metodologia adotada para este estudo é uma revisão narrativa, orientada pela análise crítica e interpretativa das contribuições de quatro autores centrais: Rodrigues (2023), Bacich e Moran (2017), Bergmann e Sams (2016) e Freire (2002). A escolha pela revisão narrativa justifica-se pela natureza qualitativa do estudo, cujo objetivo é integrar e discutir perspectivas teóricas específicas sobre a aplicação da sala de aula invertida e das metodologias ativas no ensino de Artes. Ao contrário de revisões sistemáticas, que buscam cobrir exaustivamente a literatura disponível sobre um tema, a revisão narrativa permite uma abordagem seletiva, focando em autores considerados essenciais para uma compreensão aprofundada do tema. Assim, ao priorizar fontes que consolidam a fundamentação teórica e prática sobre a metodologia da sala de aula invertida, essa revisão narrativa viabiliza uma análise detalhada dos aspectos críticos e reflexivos da metodologia de aplicação dessa.

A seleção dos autores considerados neste estudo foi pautada pela relevância de suas contribuições acadêmicas e pela abrangência de suas discussões sobre a autonomia, a criatividade e o protagonismo estudantil, essenciais para o ensino de Artes. Rodrigues (2023) e Bacich e Moran (2017) são reconhecidos por suas reflexões sobre metodologias ativas

e os desafios específicos que essas práticas trazem ao contexto brasileiro. Bergmann e Sams (2016) figuram entre os teóricos pioneiros da sala de aula invertida, sistematizando a metodologia e explorando suas implicações pedagógicas. Freire (2002), por sua vez, oferece uma crítica de base essencial, discutindo a educação como prática emancipadora, um princípio que se alinha diretamente com os objetivos do ensino de Artes. Essa abordagem narrativa permite não apenas uma análise conceitual integrada nessas obras, mas também uma reflexão sobre as condições e desafios práticos de implementação da sala de aula invertida no contexto educacional.

Assim, este artigo propõe-se a não apenas investigar a aplicabilidade da sala de aula invertida no contexto específico da disciplina de artes, mas também a problematizar as condições necessárias para sua implementação bem-sucedida. Por meio de uma abordagem crítica, busca-se compreender como essa metodologia pode reconfigurar o ensino de artes e quais os ajustes necessários para que ela se torne uma prática consolidada e eficaz nas escolas.

METODOLOGIAS ATIVAS: SALA DE AULA INVERTIDA E O ENSINO DE ARTES

As metodologias ativas emergem no cenário educacional contemporâneo como estratégias pedagógicas que deslocam o foco da educação tradicional, centrada no professor, para uma abordagem que prioriza a participação ativa dos estudantes. Essas metodologias têm como princípio fundamental promover o protagonismo do estudante, estimulando sua autonomia e seu engajamento no processo de construção do conhecimento. Rodrigues (2023) destaca que as metodologias ativas, especialmente a sala de aula invertida, trazem desafios para a formação docente, exigindo novas competências e práticas pedagógicas que dialoguem com as necessida-

des de um ensino mais participativo e centrado no estudante. Essa perspectiva sugere que o professor assume um papel de mediador, enquanto o estudante se torna responsável por acessar conteúdos teóricos de forma autônoma e aplicar o conhecimento em atividades colaborativas dentro da sala de aula.

A discussão sobre metodologias ativas também é abordada por Bacich e Moran (2017), que enfatizam a importância de transformar a prática pedagógica em um ambiente mais dinâmico e interativo. Segundo os autores, essas metodologias promovem o desenvolvimento de competências como o pensamento crítico, a resolução de problemas e a colaboração. Ao colocar o estudante no centro do processo, metodologias como a sala de aula invertida estimulam a construção do conhecimento por meio de práticas que integram teoria e prática de forma mais direta. Para eles, a aprendizagem ocorre de maneira mais significativa quando o estudante é incentivado a participar ativamente, o que gera maior envolvimento e autonomia no processo educacional.

Oliveira e Pontes (2011) corroboram essa visão ao relatarem que as metodologias ativas promovem um ambiente em que o estudante é desafiado a aplicar os conhecimentos adquiridos em contextos práticos e reais. Em sua pesquisa, eles destacam a importância de criar situações de aprendizagem que envolvam o estudante de forma integral, permitindo que ele explore o conteúdo de maneira prática e reflexiva. A metodologia ativa é, assim, uma forma de favorecer o aprendizado significativo, pois o estudante é capaz de conectar o que aprende em sala de aula com sua realidade cotidiana.

Por outro lado, Freire (2002) traz uma perspectiva crítica ao discutir o papel do educador na promoção de uma educação emancipadora, que visa a formação de indivíduos conscientes e reflexivos. Para ele, as metodologias ativas se alinham à ideia de uma educação dialógica, onde o educador e o estudante constroem

o conhecimento juntos, em uma relação de troca e aprendizado mútuo. Freire (2002) afirma que:

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de resposta a perguntas que não foram feitas. [...] O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (Freire, 2002, p. 33).

Logo, ele argumenta que o processo de aprendizagem deve ser ativo e crítico, não se limitando à mera transmissão de conteúdos, mas promovendo a reflexão e a transformação social. Nesse sentido, as metodologias ativas permitem que o estudante se torne sujeito de sua própria aprendizagem, desenvolvendo uma consciência crítica sobre sua realidade e sobre o conhecimento que adquire.

Em consonância com Freire (2002), Philippsen (2023) explora a relação entre criatividade e formação docente, destacando que as metodologias ativas estimulam a criatividade ao possibilitar que o estudante participe de processos de aprendizagem que exigem reflexão e resolução de problemas. Para Philippsen (2023), a criatividade no contexto educacional é uma habilidade fundamental para enfrentar os desafios do século XXI, e as metodologias ativas oferecem um caminho para que os estudantes desenvolvam essa competência de forma integrada ao currículo. Além disso, a formação docente precisa estar alinhada com essas novas demandas, capacitando os professores a utilizarem práticas que incentivem o pensamento criativo e crítico dos estudantes.

Dessa forma, embora todas essas perspectivas enfatizem a importância do protagonismo estudantil e do papel ativo do estudante no processo de aprendizagem, elas apresentam nuances diferentes em termos de ênfase. Enquanto Bacich e Moran (2017) se concentram na inovação tecnológica e na integração de ferramentas digitais no ensino, Freire (2002) traz uma abordagem mais crítica e humanista, centrada na emancipação social e no desenvolvimento da consciência crítica. Já Philippsen (2023) integra a criatividade como um elemento central, relacionando-a diretamente com a formação docente e as práticas pedagógicas contemporâneas.

Essas abordagens dialogam ao reconhecer a importância de uma educação que ultrapasse a mera transmissão de conhecimento, promovendo uma formação integral do estudante. No entanto, elas também divergem quanto aos caminhos e prioridades na implementação das metodologias ativas. Enquanto alguns autores destacam o uso da tecnologia como ferramenta essencial, outros enfatizam aspectos sociais, críticos e criativos que também devem ser considerados na transformação das práticas pedagógicas.

A sala de aula invertida, como uma das metodologias ativas, propõe uma reorganização das práticas pedagógicas tradicionais, deslocando a exposição teórica para momentos fora da sala de aula e utilizando o tempo presencial para atividades práticas, discussões e resolução de problemas (BARBOSA, 2020). Essa abordagem foi inicialmente proposta por Bergmann e Sams (2012) e ganhou destaque por possibilitar uma maior personalização do aprendizado, permitindo que os estudantes estudem em seu próprio ritmo e apliquem o conhecimento de maneira colaborativa durante as aulas.

No ensino de Artes, a aplicação da sala de aula invertida promove a transformação dos estudantes em agentes ativos de seu próprio aprendizado. Em

vez de apenas receberem conteúdo teórico sobre técnicas artísticas de forma passiva, os estudantes são incentivados a explorar e experimentar esses conceitos de maneira prática. O papel do professor passa a ser o de facilitador e mediador, criando um ambiente propício à experimentação e ao questionamento crítico. Em vez de ministrar aulas expositivas sobre técnicas de pintura, por exemplo, o professor pode disponibilizar materiais de apoio, como tutoriais e leituras, para que os estudantes possam investigar os conceitos de forma autônoma, antes de aplicá-los em suas produções artísticas.

Pinto *et al.* (2021) destacam que metodologias ativas como a sala de aula invertida, atende à necessidade de envolver o estudante enquanto protagonista de sua aprendizagem, desenvolvendo ainda o senso crítico diante do que é aprendido, bem como competências para relacionar esses conhecimentos ao mundo real. Desta forma, o tempo em sala de aula é dedicado à discussão, reflexão e aprimoramento das técnicas, favorecendo o desenvolvimento de habilidades essenciais à disciplina de arte, como a percepção, a crítica, a fruição estética, a produção artística e o trabalho colaborativo. Esse processo contribui para a construção da autonomia dos estudantes, tornando-os participantes ativos no processo de ensino-aprendizagem.

Berbel (2011, p. 28) também concorda com esta perspectiva ao entender que as metodologias ativas visam promover a motivação autônoma e “[...] têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os estudantes se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor.” Ou seja, o uso da sala de aula invertida no ensino de artes vai além da simples reorganização do conteúdo; ele transforma a maneira como os estudantes se relacionam com o conhecimento. Nas aulas de artes, essa metodologia permite que os estudantes se tor-

nem criadores ativos de sua própria aprendizagem. Em vez de receberem passivamente explicações teóricas sobre técnicas artísticas, eles são convidados a explorar e aplicar esses conceitos de forma prática, guiados por materiais disponibilizados previamente pelo professor.

Desse modo o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula (BERGMAN; SAMS, 2016). Ao prepararem-se antecipadamente, os estudantes têm mais tempo para assimilar as informações, o que pode resultar em uma melhor compreensão do conteúdo discutido. Além disso, oferece mais oportunidades para o aprimoramento de habilidades fundamentais, incluindo autonomia, resolução de problemas, pensamento crítico, trabalho em equipe e criatividade (BACICH; MORAN, 2017).

Quando aplicado ao ensino de artes, o uso da sala de aula invertida abre novos caminhos para facilitar o processo de aprendizagem dos estudantes, proporcionando ao professor uma forma de ministrar a aula dinâmica e inovadora, tornando o tempo em sala de aula mais proveitoso para promover pesquisas e discussões sobre o assunto abordado. Dessa forma, a sala de aula invertida se apresenta como uma alternativa a alguns desafios no ensino e aprendizagem escolar, utilizando estratégias que incentivam tanto o professor a ensinar quanto o estudante a aprender.

Além disso, a curiosidade natural dos seres humanos pelo novo e desconhecido é despertada, o que contribui para o sucesso dessa metodologia ativa (BERGMANN, 2018). Promovendo a interação entre professor, estudante e meios que possibilitem o envolvimento com o objeto estudado, desenvolvendo a capacidade de leitura, de contextualização e do fazer artístico. O que resulta em uma melhor interpretação das artes e das culturas visuais, atri-

morando o aprendizado na disciplina de arte. Visto que as aulas de arte devem proporcionar ao estudante a oportunidade de explorar e experimentar diversas formas de expressão, promovendo o desenvolvimento de sua criatividade, habilidades socioemocionais e pensamento crítico.

Neste contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca que o ensino de Artes deve ir além da simples transmissão de conhecimento técnico, visando proporcionar aos estudantes uma imersão nas experiências e vivências artísticas como práticas sociais. “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os estudantes sejam protagonistas e criadores” (BRASIL, 2018, p. 193). Isso significa que os estudantes devem ser envolvidos ativamente no processo criativo, permitindo que se tornem protagonistas em suas próprias expressões artísticas.

Alinhando-se com essa perspectiva, a aprendizagem em arte deve criar possibilidades para os estudantes serem agentes ativos na produção artística, integrando a arte em suas vidas de forma significativa e participativa. Nessa perspectiva torna-se essencial uma educação que prioriza a criatividade, a autonomia e valores como respeito, autoestima e valorização do outro na sociedade. Além disso, o professor deve atuar como mediador, promovendo aprendizagens significativas (PINTO *et al.*, 2021). Aprendizagens estas que segundo Dewey (1979) é mais eficaz quando os estudantes estão ativamente envolvidos na prática e nas experiências.

Na sala de aula invertida, a aprendizagem parte da experiência, os estudantes estudam o conteúdo teórico em casa através de vídeos, textos e outros materiais, esse conhecimento prévio permite que o tempo em sala de aula seja dedicado a atividades práticas, como a criação de obras de arte, experimentação e discussão. Assim, a sala de aula inver-

tida promove a participação ativa dos estudantes em atividades artísticas, alinhando-se com a visão de Dewey de que a aprendizagem ocorre através da prática e deve estar integrado às vivências diárias dos estudantes. Ao estudar os conceitos teóricos fora da sala, os estudantes podem aplicar esses conhecimentos em atividades práticas que refletem suas experiências e interesses pessoais. Por exemplo, ao explorar diferentes técnicas artísticas em casa, os estudantes podem usar essas técnicas em processos criativos durante as aulas, conectando a teoria com sua própria prática artística.

Dentro dessa perspectiva, as experiências que integram a realidade do estudante e estimulam uma visão crítica e consciente do processo de aprendizagem estão em consonância com o pensamento de Freire (2002). Ele defende a participação ativa do estudante na construção do conhecimento, propondo uma educação dialógica em que o aprendizado ocorre através da interação e da reflexão. Essa ideia dialoga com a visão de Berbel (2011), que sustenta que as metodologias ativas são baseadas na superação de desafios, na resolução de problemas e na construção de novos saberes a partir das experiências e conhecimentos prévios dos indivíduos. Assim, a aprendizagem torna-se um processo de transformação, guiado pela reflexão e pela prática.

No contexto do ensino de Artes, essa metodologia cria oportunidades pedagógicas que estão alinhadas com o currículo, mas também adaptadas à realidade dos estudantes. As atividades propostas permitem que os estudantes percebam, pratiquem, reflitam e desenvolvam uma compreensão conceitual dos conteúdos, gerando uma aprendizagem significativa. Dessa forma, o estudante constrói conhecimento a partir de atividades realizadas antes da aula, como a visualização de vídeos e leitura de teorias, que são posteriormente aplicadas em sala por meio de práticas artísticas. Isso desenvolve suas

capacidades críticas e reflexivas sobre os processos de criação, com feedback constante dos colegas e do professor, fortalecendo o engajamento e a interação no processo de ensino-aprendizagem.

Embora a sala de aula invertida apresente diversas vantagens, como o protagonismo dos estudantes e a possibilidade de desenvolver habilidades como pensamento crítico, autonomia e criatividade, sua implementação também enfrenta desafios específicos no ensino de artes. Um dos principais obstáculos é a formação adequada dos professores para trabalhar com essa metodologia e garantir que todos os estudantes tenham acesso aos recursos tecnológicos necessários para o estudo autônomo fora da sala de aula. Bacich e Moran (2017) destacam que a falta de infraestrutura tecnológica e a necessidade de capacitação docente são entraves significativos na adoção das metodologias ativas. A transição para esse modelo também pode ser complexa para professores e estudantes habituados ao ensino tradicional, demandando uma mudança gradual nas práticas pedagógicas.

Bergmann e Sams (2012) observam que a adoção da sala de aula invertida requer uma adaptação tanto por parte dos educadores quanto dos estudantes, e essa transição precisa de paciência e persistência. Para que essa mudança seja bem-sucedida, é essencial que as escolas ofereçam suporte técnico adequado e promovam a capacitação contínua dos professores, preparando-os para o novo paradigma educacional. Além disso, a introdução gradual de elementos da sala de aula invertida permite uma adaptação mais fluida e eficaz, conforme sugerido por Berbel (2011). Portanto, a implementação cuidadosa dessa metodologia, com planejamento e flexibilidade, pode maximizar os benefícios da sala de aula invertida, criando um ambiente de aprendizagem dinâmico e eficaz, especialmente no ensino de artes, onde a prática e a experimentação são centrais.

O PROFESSOR DE ARTES: MÉTODOS DE ENSINO E MEDIAÇÃO PARA A CRIATIVIDADE

A implementação da sala de aula invertida no ensino de artes oferece uma abordagem metodológica que prioriza a autonomia e o protagonismo do estudante, transformando o processo de ensino-aprendizagem em uma prática mais dinâmica e interativa. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96, ao incluir a arte como componente curricular obrigatório na educação básica, reconhece a importância dessa disciplina não apenas no desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também como forma de promover o pensamento crítico, a criatividade e a expressão cultural.

A Arte, de acordo com a LDB, deve ser ensinada de forma que seus conteúdos dialoguem com as práticas sociais e culturais dos estudantes, permitindo que eles sejam “protagonistas e criadores” (BRASIL, 2018, p. 193). Nesse contexto, a sala de aula invertida oferece uma oportunidade de reorganizar as práticas pedagógicas, levando em consideração as especificidades do ensino de artes e o desenvolvimento integral dos estudantes. Moran (2018, p. 1) afirma que “[as] metodologias ativas são caminhos para avançar mais no conhecimento profundo, nas competências socioemocionais”. Esse modelo de ensino possibilita uma base sólida para a promoção da criatividade e da autonomia no ensino de Artes.

No ensino médio, por sua vez, a aplicação da sala de aula invertida é particularmente relevante, uma vez que se alinha às demandas dessa fase educativa, onde se busca desenvolver maior autonomia nos estudantes. Além disso, a metodologia responde a uma das principais dificuldades enfrentadas pelos professores de artes: a limitação de tempo para a prática artística em sala de aula. Ao deslocar a teoria para momentos fora da escola, os professores conseguem

otimizar o tempo de aula, promovendo um aprendizado mais profundo e aplicado. Contudo, é fundamental reconhecer que essa metodologia, apesar de suas vantagens, enfrenta desafios em relação à sua universalização, especialmente no que tange às barreiras materiais, como o acesso limitado a tecnologias, que foi exacerbado pela pandemia de COVID-19. Esse cenário reforça a necessidade de adaptação flexível por parte dos educadores, que devem considerar as diversas realidades socioeconômicas dos estudantes ao propor o uso de recursos digitais.

Neste contexto, para a implementação prática da sala de aula invertida no ensino de artes, é fundamental que o professor adote uma postura mediadora e facilitadora do processo de aprendizagem, permitindo que os estudantes explorem ativamente os conteúdos antes de chegar à sala de aula. O primeiro passo é a disponibilização de materiais didáticos que despertem a curiosidade e o interesse dos estudantes pelo tema. Esses materiais podem incluir vídeos curtos, tutoriais de técnicas artísticas, leituras complementares, e visitas virtuais a museus e galerias. Por exemplo, o uso de plataformas como o YouTube pode fornecer aos estudantes tutoriais introdutórios sobre pintura, escultura e outras formas de expressão artística, permitindo que eles cheguem à sala de aula com um conhecimento básico sobre o tema a ser explorado.

No ambiente de sala de aula, o foco deixa de ser a exposição teórica e se concentra no desenvolvimento prático. O professor assume o papel de orientador, oferecendo feedback contínuo enquanto os estudantes experimentam as técnicas aprendidas. A organização das aulas pode seguir um roteiro básico, onde a primeira etapa é a discussão dos conteúdos estudados previamente, seguida por atividades colaborativas em grupos, onde os estudantes podem aplicar os conceitos e compartilhar suas descobertas com os colegas. Como destaca Freire (2002), o pro-

cesso educativo deve ser dialógico, onde “professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos” (Freire, 2002, p. 33). Essa curiosidade e interação colaborativa são essenciais para que o aprendizado em artes seja mais significativo e transformador.

Além disso, a flexibilização do uso de materiais deve ser incentivada. A arte, como uma disciplina que envolve prática e experimentação, permite o uso de diversos tipos de recursos. O professor pode sugerir o uso de tecnologias digitais, como aplicativos de desenho e realidade aumentada para explorar museus virtuais, ou até mesmo materiais recicláveis para a criação de esculturas. Ao fomentar essa pluralidade de abordagens, o professor não apenas estimula a criatividade dos estudantes, mas também cria um ambiente inclusivo, onde diferentes formas de expressão artística são valorizadas (BERGMANN, 2016).

A sala de aula invertida também oferece uma oportunidade valiosa para que o professor acompanhe de perto o progresso individual de cada estudante. Durante as atividades práticas, o professor pode identificar aqueles que necessitam de mais suporte em determinadas técnicas e orientar os que possuem aptidão natural para determinadas áreas. Esse acompanhamento contínuo permite uma personalização do ensino, ajustando as atividades conforme as necessidades específicas de cada estudante. Por exemplo, um estudante pode ter mais facilidade com pintura em aquarela, enquanto outro se destaca na escultura em argila. O professor, ao perceber essas inclinações, pode direcionar os estudantes para atividades que desafiem suas habilidades e promovam um maior desenvolvimento de suas competências.

Santos e Campos (2023) argumentam que, no ensino da arte, é essencial promover um ambiente exploratório e dinâmico, onde os estudantes possam “explorar o seu olhar crítico para a arte e se interes-

sarem pela sua cultura através da análise dos textos, documentários, vídeos e desafios colocados no projeto interdisciplinar” (SANTOS; CAMPOS, 2023, p. 9). Esse modelo estimula a união entre teoria e prática, reforçando a ideia de que o aprendizado não deve ser exclusivamente teórico, nem limitado a uma prática descontextualizada. Dessa forma, o estudante adquire não apenas habilidades técnicas, mas também uma compreensão mais profunda da arte como prática cultural e social.

Todavia, é importante colocar que, embora a sala de aula invertida ofereça um modelo inovador de ensino, que valoriza a autonomia e a interação prática dos estudantes, a implementação dessa metodologia no contexto educacional brasileiro enfrenta desafios significativos, especialmente relacionados ao acesso desigual a recursos materiais e tecnológicos. Durante a pandemia de COVID-19, essas desigualdades foram evidenciadas de forma ainda mais aguda, afetando principalmente estudantes de escolas públicas e regiões periféricas, que muitas vezes não dispõem de equipamentos como computadores e acesso à internet em casa. Esses fatores impõem barreiras à adoção universal da sala de aula invertida, já que grande parte dos conteúdos teóricos requeridos para esse modelo depende do uso de plataformas digitais para estudo prévio.

Bacich e Moran (2017) afirmam que a falta de recursos tecnológicos adequados é um dos principais obstáculos para a implementação de metodologias ativas, como a sala de aula invertida, em contextos educacionais menos favorecidos. Isso exige do professor de artes uma sensibilidade para adaptar suas estratégias pedagógicas de acordo com a realidade de seus estudantes, criando alternativas que permitam o acesso ao conteúdo de forma inclusiva. Por exemplo, para estudantes que não têm acesso à internet, o professor pode disponibilizar cópias impressas dos materiais teóricos ou sugerir visitas a bibliotecas públicas,

onde o acesso a livros e outras fontes pode complementar o estudo realizado fora da sala de aula.

Outro desafio importante é a formação continuada dos professores. A sala de aula invertida requer que o professor não apenas domine as ferramentas digitais necessárias para a disponibilização de conteúdo, mas também seja capaz de mediar o aprendizado de forma eficaz, orientando os estudantes a construir seu próprio conhecimento. Como aponta Rodrigues (2023), a implementação de metodologias ativas exige novas competências pedagógicas, que vão além do modelo tradicional de ensino. Dessa forma, as escolas e os sistemas de ensino precisam investir na formação continuada de seus educadores, fornecendo-lhes os recursos e conhecimentos necessários para trabalhar com abordagens inovadoras.

A APLICAÇÃO DA SALA DE AULA INVERTIDA NO ENSINO DE ARTES

A aplicação da sala de aula invertida no ensino de artes precisa ser adaptada às diferentes realidades socioeconômicas e culturais dos estudantes, além de levar em consideração o nível de ensino e os recursos disponíveis. É crucial que a abordagem considere as especificidades da disciplina de artes, que requer um equilíbrio entre teoria e prática, e que a metodologia respeite as particularidades de cada contexto educacional. De acordo com Bacich e Moran (2017), as metodologias ativas, como a sala de aula invertida, visam a personalização do ensino, o que significa que é essencial ajustar as estratégias de ensino às necessidades dos estudantes, promovendo a flexibilidade do aprendizado. Isso é particularmente relevante em um país como o Brasil, onde as desigualdades no acesso à tecnologia e aos recursos materiais são marcantes.

O primeiro passo para a implementação eficaz da sala de aula invertida no ensino de artes é o pla-

nejamento e a preparação do conteúdo teórico a ser estudado fora da sala de aula. Essa fase exige que o professor identifique quais conceitos e temas serão mais bem compreendidos de maneira autônoma pelos estudantes, utilizando materiais como vídeos educativos sobre técnicas artísticas, leituras de textos críticos sobre movimentos artísticos e biografias de artistas renomados. O uso de plataformas digitais, como o *YouTube*, para acessar tutoriais, ou o *Google Arts & Culture*, para visitas virtuais a museus e galerias, são exemplos de ferramentas que facilitam o aprendizado. No entanto, é importante que o professor examine cuidadosamente os materiais para que sejam acessíveis e relevantes para o contexto dos estudantes.

A acessibilidade aos recursos educacionais deve ser considerada de forma crítica. Durante a pandemia de COVID-19, ficou evidente que muitos estudantes brasileiros enfrentaram limitações de acesso à internet e dispositivos eletrônicos. Como alternativa, para quem não disponibiliza acesso às plataformas digitais, o professor pode disponibilizar materiais impressos ou *pendrives* com vídeos e leituras, garantindo que todos os estudantes tenham oportunidades iguais de acesso ao conteúdo. Segundo Oliveira e Pontes (2011), a adequação dos recursos didáticos ao contexto do estudante é fundamental para promover a equidade no processo de aprendizagem, de modo que o planejamento pedagógico deve sempre considerar essas disparidades.

Após a disponibilização do material teórico, o estudo independente torna-se central na sala de aula invertida. Nesse modelo, o estudante é estimulado a se apropriar do conteúdo antes das atividades práticas em sala de aula. Essa autonomia no estudo é uma das características mais marcantes das metodologias ativas. Freire (2002) afirma que o papel do professor deve ser o de um mediador que facilite o processo de construção do conhecimento, incen-

tivando o aluno a ser protagonista de sua própria aprendizagem. No caso do ensino de artes, esse protagonismo pode ser incentivado por meio da liberdade criativa que a disciplina oferece, permitindo que os estudantes explorem diferentes técnicas artísticas e desenvolvam projetos pessoais.

No ambiente da sala de aula, o professor utiliza o tempo para promover e refletir sobre os conteúdos estudados anteriormente. Essa abordagem dialógica é essencial para consolidar o aprendizado teórico e fomentar a interação entre os estudantes, oferecendo um espaço onde eles possam compartilhar suas experiências e questionamentos. A LDB, Lei 9.394/96, estabelece que o ensino de artes deve contribuir para o pleno desenvolvimento do estudante, proporcionando-lhe a oportunidade de desenvolver sua sensibilidade estética e sua capacidade crítica (BRASIL, 1996). Nesse sentido, a sala de aula invertida, ao promover a reflexão e o debate, atende diretamente aos princípios estabelecidos pela LDB para o ensino de artes.

A experimentação prática é a etapa central no ensino de artes dentro da sala de aula invertida. Após o estudo teórico realizado fora da sala, os estudantes aplicam os conceitos em projetos práticos, o que fortalece a conexão entre teoria e prática. Bergmann e Sams (2016) destacam que o foco desse modelo de ensino é transferir o tempo de sala de aula para atividades que envolvem a aplicação prática do conteúdo, permitindo que o professor se dedique mais tempo ao acompanhamento individualizado e à solução de dúvidas específicas. No ensino de Artes, isso pode significar a realização de atividades como a criação de pinturas, esculturas ou outras formas de expressão artística que refletem os conceitos estudados.

A personalização do ensino é outro elemento crucial na sala de aula invertida, especialmente no contexto do ensino de artes, que é altamente sub-

jetivo e criativo. Como cada estudante possui diferentes habilidades e ritmos de aprendizagem, o professor deve ajustar suas estratégias pedagógicas para atender às necessidades individuais. Segundo Barbosa e Moura (2013), a sala de aula invertida permite que o professor atue como orientador, forneça feedback contínuo, adaptando as atividades de acordo com as dificuldades e os avanços de cada estudante. Essa abordagem contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e participativo.

O uso de tecnologias digitais no ensino de artes, como aplicativos de desenho digital e realidade aumentada para explorar museus virtuais, também pode enriquecer a experiência de aprendizagem. No entanto, é necessário cautela ao adotar essas ferramentas, garantindo que todos os estudantes tenham acesso a elas. Bacich e Moran (2017) defendem que a tecnologia deve ser utilizada como uma aliada no processo de aprendizagem, mas que a sua adoção deve ser acompanhada de medidas que garantam a inclusão digital, como a oferta de equipamentos e a formação de professores. No ensino de artes, essas tecnologias podem ampliar as possibilidades criativas dos estudantes, ao mesmo tempo em que promovem o desenvolvimento de habilidades técnicas.

Além de promover a criatividade, o ensino de artes baseado na sala de aula invertida estimula o trabalho colaborativo entre os estudantes. Após o estudo independente, os estudantes podem se reunir em grupos para discutir suas ideias e desenvolver projetos em conjunto, fortalecendo competências como o trabalho em equipe e a resolução de problemas. Pinto *et al.* (2021) ressaltam que as metodologias ativas incentivam o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, o que é particularmente relevante no ensino de artes, onde o diálogo e a troca de experiências são parte integrante do processo criativo.

A avaliação na sala de aula invertida deve ser processual e contínua, levando em consideração não apenas o produto final, mas todo o percurso de aprendizagem do estudante. Berbel (2011) afirma que a avaliação em metodologias ativas deve valorizar o processo de construção do conhecimento, incentivando o estudante a refletir sobre seu próprio desenvolvimento e a identificar suas áreas de melhoria. No ensino de artes, essa avaliação pode ser realizada por meio de portfólios, onde os estudantes registram suas criações e refletem sobre suas experiências, ou por meio de discussão em grupo, nas quais eles reúnem suas avaliações sobre o processo criativo.

A formação contínua dos professores também é essencial para o sucesso da implementação da sala de aula invertida no ensino de artes. De acordo com Rodrigues (2023), o professor precisa desenvolver novas competências pedagógicas, especialmente no que se refere ao uso de tecnologias e à mediação do processo de aprendizagem. As escolas e redes de ensino têm a responsabilidade de fornecer capacitação e suporte técnico aos professores, para que possam implementar metodologias ativas de maneira eficaz. Essa formação deve ser contínua e adaptada às demandas específicas do ensino de artes, onde o processo criativo exige uma abordagem flexível e interdisciplinar.

Por fim, é importante destacar que a aplicação da sala de aula invertida no ensino de artes precisa ser vista como uma metodologia complementar, e não como uma solução única para os desafios educacionais. Como ressalta Freire (2002), o processo de ensino-aprendizagem é complexo e multifacetado, e o papel do professor é criar as condições para que o estudante construa seu conhecimento de maneira ativa e crítica. Dessa forma, a sala de aula invertida deve ser utilizada em conjunto com outras abordagens pedagógicas que considerem as especificidades da disciplina e as necessidades dos estudantes, promovendo uma educação integral e significativa.

Ao adaptar uma sala de aula invertida para o ensino de artes, o professor não apenas transforma a dinâmica da sala de aula, mas também proporciona aos estudantes uma oportunidade única de desenvolver suas habilidades criativas e críticas de forma autônoma e colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou a aplicação da sala de aula invertida no ensino de Artes, com o objetivo de compreender suas estratégias e impactos no processo de ensino-aprendizagem. Foi observado que a sala de aula invertida contribui para transformar a dinâmica tradicional de ensino, promovendo a autonomia dos estudantes e favorecendo o desenvolvimento de competências críticas e criativas. Esse modelo permite que os estudantes explorem o conteúdo teórico de forma independente, liberando o tempo de aula para atividades práticas e colaborativas, essenciais para o ensino de Artes.

A metodologia da sala de aula invertida mostrou-se uma alternativa viável para essa disciplina, pois fornece mais tempo para experimentação e criação artística. No entanto, a sua implementação exige um ambiente propício, incluindo acesso a recursos tecnológicos e uma formação adequada para os professores, o que nem sempre está disponível, especialmente em contextos socioeconômicos desfavorecidos. Assim, adaptações e soluções alternativas são necessárias para garantir que todos os estudantes tenham acesso ao conteúdo e possam participar plenamente do processo de aprendizagem.

Outro aspecto identificado foi a necessidade de formação contínua dos professores para que desenvolvam competências no uso de tecnologias e na mediação de processos de aprendizagem autônoma e colaborativa. Sem essa preparação, há o risco de que a sala de aula invertida se torne apenas uma

prática superficial, limitando seu potencial transformador no ensino de Artes. Portanto, a capacitação docente surge como um fator essencial para o sucesso da metodologia, permitindo que os professores acompanhem e personalizem o ensino de acordo com as necessidades dos estudantes.

Além disso, a sala de aula invertida possibilita um acompanhamento mais próximo e individualizado, favorecendo o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades específicas de cada estudante. Entretanto, isso exige um maior esforço dos professores, que precisam de tempo e recursos para oferecer feedback contínuo e suporte adequado, ou

que reforcem a necessidade de apoio institucional para sua efetivação.

Conclui-se que, embora a sala de aula invertida apresente grande potencial para o ensino de Artes, ela deve ser integrada a outras metodologias pedagógicas que complementem as suas limitações. Essa integração permite atender às demandas complexas do ensino de Artes, promovendo um aprendizado mais completo e significativo para os estudantes. A sala de aula invertida, portanto, representa uma ferramenta útil, mas não uma solução única para os desafios educacionais, sendo seu sucesso condicionado à adaptação cuidadosa e ao apoio contínuo.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2017.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. Editora Perspectiva SA, 2020.

BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica. **Boletim Técnico do Senac**, v. 39, n. 2, p. 48-67, 2013. Disponível em: <https://senacbts.emnuvens.com.br/bts/article/view/349> Acesso em: 28 set. 2024.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências sociais e humanas**, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/download/10326/10999> Acesso em: 11 nov.2024.

BERGMANN, J. **Aprendizagem Invertida para resolver o Problema do Dever de Casa**. Penso Editora, 2018.

BERGMANN, J; SAMS, A. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**. Rio de Janeiro: LTC, v. 114, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 33-44.

DEWEY, J. O ato de pensar e a educação. **Democracia e educação**: o ato de pensar e a educação, v. 3, p. 167-169, 1979. Disponível em: <http://home.dpe.uevora.pt/~casimiro/cppc-semana7.pdf> Acesso em: 11 nov. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda. In: MORAN, J.; BACICH, L. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

OLIVEIRA, M. G.; PONTES, L. Metodologia ativa no processo de aprendizado do conceito de cuidar: um relato de experiência. In: **X Congresso Nacional de Educação–EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba**. 2011.

PHILIPPSEN, E. A. TEORIAS DA CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES. **Revista Educação em Contexto**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 167–179, 2023. Disponível em: <https://revistaseduc.educacao.go.gov.br/index.php/rec/article/view/73>. Acesso em: 28 set. 2024.

PINTO, J. B. R. *et al.* A relação entre teoria e prática: contribuições e desafios na formação inicial de professores. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4607>. Acesso em: 28 set. 2024.

RODRIGUES, E. G. SALA INVERTIDA - DESAFIOS E FORMAÇÃO DOCENTE. **Revista Educação em Contexto**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 101–111, 2023. Disponível em: <https://revistaseduc.educacao.go.gov.br/index.php/rec/article/view/112>. Acesso em: 28 set. 2024.

SANTOS, E. T.; CAMPOS, K. A. **Uma análise histórico-crítica e o uso das metodologias ativas no ensino da arte no ensino fundamental anos iniciais em um contexto de isolamento social**. 2023. Disponível em: https://uab.ifsuldeminas.edu.br/pluginfile.php/15498/mod_forum/attachment/23929/Trabalho%20Final%20de%20Gradua%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.